

*O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras*

*Tomo II – Melanie Klein*

Júlia Kristeva

Rio de Janeiro: Rocco, 2002

## Melanie Klein Uma mulher, uma psicanalista

Débora Siqueira Bueno

Um pouco tantã, mas muito encantadora. Assim Alix Strachey, sofisticada londrina do grupo Bloomsbury, descreveu sua colega de análise com Karl Abraham na Berlim do início do século XX, antes da convulsão trazida pela Segunda Guerra Mundial – quando a psicanálise florescia e constituía um ambiente favorável para a revelação de talentos e receptivo à mulher como poucos à época. Mas, que mulher é essa?

Essa mulher – que não era médica nem possuía outra graduação universitária, esposa infeliz e depois divorciada, mãe deprimida, a vida pontilhada de lutos e perdas, analisada por Ferenczi e por Abraham – tornou-se psicanalista aos quarenta anos de idade. Iniciou o estudo da psicanálise de crianças baseando-se na análise de seus próprios filhos. Deixou sua terra e sua língua materna em busca de um espaço para si. De presença marcante, defendeu de forma aguerrida suas idéias, o que a fez colher experiências duras e dolorosas. Essa mulher, essa psicanalista – Melanie Klein – fundou a psicanálise de crianças e ampliou a psicanálise de adultos em muitas direções, sobretudo na da análise das psicoses. Faleceu em 1960, aos 78 anos, quando ainda trabalhava com pacientes em análise didática, com supervisões e concluía a revisão de sua *Narrativa da análise de uma criança*. Tornou-se uma referência incontornável para todos que se interessam pela vida psíquica e pelo sofrimento humano.

*O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras – Melanie Klein é o segundo volume de uma trilogia – ao lado dos livros dedicados a Hanna Arendt e Colette – na qual a autora, Júlia Kristeva, se volta à contribuição de algumas mulheres que marcaram a história no século XX. Seu subtítulo é *A loucura – ou o matricídio como dor e como criatividade*.*

Kristeva toma um duplo fio condutor para o andamento de seu texto. No primeiro deles apresenta a história da vida de Melanie Klein, utilizando como principal referência a biografia escrita por Phyllis Grosskurth –, os leitores que já tiveram contato com essa obra, portanto, não encontrarão exatamente fatos inéditos. Mas desta forma ela dá o colorido da vida e ancora o desenrolar do segundo fio: a exposição, o aprofundamento e também uma análise, em alguns aspectos muito particular, da obra de Melanie Klein.

Melanie Klein partiu da psicanálise que lhe era contemporânea: Freud descrevera o tratamento de Hans feito através de seu pai em 1909; Ferenczi apresentou o caso de uma criança fóbica, “Um pequeno homem-galo”, em 1913, e em 1919 escreveu a Freud comunicando que uma de suas pacientes realizara importantes observações psicanalíticas com crianças. A hipótese da existência de uma pulsão de morte determinando a vida psíquica, apresentada no trabalho de Freud, “Além do princípio do prazer” de 1920, foi prontamente aceita por Melanie Klein, que a utilizou para fundamentar e justificar suas posições. Embora tenha de fato reformulado a problemática analítica, em momento algum reivindicou para si o posto de guia intelectual. Mesmo depois de se tornar o pólo de uma forma de se pensar a psicanálise, detestava o adjetivo “kleiniano”. Klein foi, acima de tudo, uma clínica corajosa, excepcionalmente sensível à angústia, seu norte no trabalho com seus pacientes.

Para Kristeva, as divergências com Freud “não foram nunca consumadas sob a forma de uma fratura, mas conduzidas como uma maneira de completar a teoria do inconsciente”. A autora faz um valioso cotejamento entre Klein e Freud ao longo de todo o livro, do qual serão destacados alguns pontos.

Freud mostrou que o recalque cria a angústia e os sintomas. Klein fez da pulsão de morte o agente principal da angústia, mas também da capacidade humana de criar símbolos e pensar.

O inconsciente freudiano é estruturado pelo desejo e pelo recalque. A pulsão em Freud tem uma fonte e um objetivo, mas não um objeto predeterminado e fixo; para ele, a vida psíquica do sujeito se estrutura na experiência da castração e em torno da função do pai. Melanie Klein trouxe para o início da vida psíquica a relação com o objeto – o seio, a mãe. O outro está sempre ali, assim como as vicissitudes das relações com o objeto, mobilizando angústias e defesas. Sem ignorar a função paterna e a angústia de castração, serão as relações primitivas com o objeto que irão determinar o devir do sujeito.

Kristeva retoma, na obra de Freud, o trajeto do conceito de narcisismo e evoca as críticas quanto à imprecisão e insuficiência do mesmo, sobretudo as de Laplanche e Pontalis. Em Melanie Klein, a hipótese é de que o bebê estabelecerá desde o nascimento certa relação de objeto. O narcisismo não desaparece, mas toma o aspecto de um “estado narcísico”, no qual a libido se retira dos objetos exteriores para se dobrar exclusivamente sobre os objetos internos.

Com Melanie Klein, a fantasia inconsciente passou a estar no centro do trabalho analítico. Em Freud, escuta de sonhos e linguagem; em Klein, escuta da fantasia, metáfora encarnada, escuta voltada para a dor psíquica, presente desde o início da vida.

Os casos clínicos de Melanie Klein são revistos por Júlia Kristeva – de Fritz, seu filho, até Rita – para se chegar à invenção da técnica do jogo, na qual jogar será a via régia do inconsciente com o mesmo estatuto que Freud já atribuíra ao sonho. A fantasia *expressa através do jogo* torna-se uma fantasia *narrada a dois*. A transferência é tomada como o objeto obrigatório da interpretação e não se evita interpretar a transferência negativa. Estes pacientes mostram também o percurso de Melanie Klein no trabalho com a angústia. Com Fritz e Félix, o entrelaçamento de desejo e angústia. Com Rita e Erna, o sadismo do ego arcaico passou a ser considerado a fonte da angústia originária. Sadismo fortemente imbricado com as pulsões genitais, evidência clínica que levou Klein às hipóteses de um Édipo precoce e de uma nova concepção de superego.

A partir da descoberta do apogeu do sadismo, Melanie Klein chegou à clínica das cisões e da psicose, principalmente com os casos Dick e Richard. No breve período durante a II Guerra em que atendeu Richard, Klein lidou com a angústia persecutória e as clivagens. Nessa análise, o trabalho na transferência com o superego excessivamente rígido e severo abriu uma via essencial para o tratamento das psicoses.

O tratamento de Dick foi um divisor de águas. Criança psicótica, mal falava, era indiferente à presença da mãe e ao ambiente. Para Kristeva, Melanie Klein, apoiada em sua experiência anterior com Fritz, “procede como se *ela fosse ele*”: pressupõe e formula a fantasia de Dick, narrando para a criança seu mito edipiano impregnado por um sadismo violento. Desencadeia-se um processo que possibilita algum interesse pelos objetos, permitindo que a criança siga num encadeamento de equação em equação, equivalência em equivalência. Quando Dick pôde enfim brincar, “o real inominável se tornou um imaginário que alivia. Pela palavra da analista”.

Kristeva se reporta a um comentário de Lacan sobre o caso Dick para iluminar este aspecto do método kleiniano: a importância da verbalização sobre a fantasia inconsciente, favorecendo a passagem de um funcionamento baseado

em identidades para outro baseado em semelhanças. Ao dizer o que Dick alucina, Melanie Klein põe em palavras uma fantasia solitária e inominável da criança. O dizer do outro confere ao *fantasme* o estatuto de uma vivência psíquica, alivia a angústia e a agressividade e permite que a criança se distancie desta pela fala e pelo jogo. A experiência clínica com Dick permitiu também destacar a formação de símbolos, tema que Hanna Segal retomou posteriormente em seu clássico trabalho *Notas sobre a formação de símbolos*. Mantendo esta tradição de experiência clínica fecunda, o caso Dick também é ponto de apoio para um debate da própria Júlia Kristeva a respeito de um pré-simbolismo e de uma capacidade de fantasiar *infralingüística*.

Conceitos elaborados por Melanie Klein ou por autores pós-kleinianos receberam de Júlia Kristeva um tratamento aprofundado. Destaca-se a discussão sobre a fantasia inconsciente, em que a autora costura as idéias de Klein com as posições de Freud, discriminando a fantasia da realização alucinatória de desejo, com o trabalho de Susan Isaacs *Natureza e função da phantasia*, e com a teoria da fantasia de Lacan. Kristeva ressalta que Melanie Klein desenvolveu de uma nova maneira um dos grandes problemas da teoria psicanalítica: o do estatuto da *representação psíquica*. O *fantasme* kleiniano é um conglomerado de *diversos registros de representação*, heterogêneo, comportando também elementos pré ou sem representação. Em sua clínica, Klein teria demonstrado o imperativo da escuta analítica do *fantasme*, o verdadeiro objeto da psicanálise. Somente ao acompanhar a fantasia inconsciente o analista pode conduzir, incompletamente, o paciente à verdade psíquica. Kristeva critica os teóricos que desvalorizam ou desprezam o imaginário como mero desconhecimento, pois deixam, assim, de escutar o material inconsciente.

Melanie Klein foi a clínica que desceu ao *fantasme*, à psicose. Trabalhou sobre o imaginário da criança e no imaginário do analista, intensa e profundamente. Foi a primeira a privilegiar a função materna, assim como a primeira a conceber o matricídio como origem da capacidade de pensar. Criou uma concepção da sexualidade arcaica assentada no casal parental, a partir da fantasia terrífica dos pais combinados. O pensamento em Klein carrega uma versão da liberdade como “criatividade respeitosa do *self*”. Seu estabilizador é a experiência de perda e a conseqüente depressão.

Os conceitos de Melanie Klein são firmes e pacientemente argumentados, evoluem de forma circular, às vezes emergindo em *flashes* súbitos. Seu texto não segue um deslizamento retórico, é feito de luz e sombras. Kristeva indaga: existirá um texto de Klein? Freud construiu a sua obra também na linguagem. Klein portou a estranheza e usou uma língua de empréstimo. Suas elaborações foram muitas vezes censuradas como ambíguas, assim como o conhecimento que construiu foi acusado de corporal e imaginário. Júlia Kristeva argumenta com

a marca do retorno constante do negativo no trabalho de Melanie Klein, tema absolutamente atual para a psicanálise. O próprio empirismo e inexatidão teórica fazem desta uma obra “aberta e polissêmica”, tornando-a um instrumento para se buscar a compreensão do mundo contemporâneo e das “novas doenças da alma”.

Kristeva lança seu olhar para as incompletudes dessa obra aberta. Melanie Klein não pensou a histeria de conversão. Subestimou o desejo e o ódio da mãe, o que foi retomado por seus sucessores. E evitou a perversão, tomando-a simplesmente como negação do amor destrutivo e defesa contra a dependência dolorosa. Se há um impasse em Klein no reconhecimento do valor simbólico do pai, Kristeva o aborda de forma muito interessante: é na experiência clínica que a interpretação inscreve a função paterna. “Pela pertinência de seu dizer, Melanie endossa o papel desse outro que assume o pai na família, e que a analista dá a conhecer pela precisão distante de seu discurso”. Melanie Klein preserva implicitamente a função do pai em sua concepção do lugar do analista.

*O gênio feminino* tem lugar assegurado na bibliografia dos que se dedicam ao estudo da obra de Melanie Klein. Distingue-se do trabalho de outros estudiosos e exegetas já consagrados do pensamento kleiniano, como Hanna Segal, Hinselwood, Elsa Del Valle e Willy Baranger. Aproxima-se de Jean Michel Petot, referência bastante mencionada, mas sem superpor-se a ele. Embora Kristeva reconheça a importância do pensamento de Melanie Klein para a América Latina, chama a atenção a ausência de autores desta região entre as referências consideradas no livro.

O trajeto de Júlia Kristeva – que passa pela semiologia, pela filosofia, pela teoria literária e pela psicanálise –, imprime sua marca no texto, erudito e rico. O estilo parece portar a marca do pensamento europeu continental. E por esta via torna-se um livro também muito valioso para os que pretendem uma aproximação ao pensamento de Melanie Klein a partir de Freud, de Lacan e da psicanálise francesa. Em muitos momentos a autora dirige-se aos leitores de Freud, convidando-os explicitamente a uma aproximação empática com as idéias de Klein. E Kristeva efetua esta aproximação, desvencilhando-se das armadilhas que a política das escolas acabou por criar tantas vezes, ao reduzir a estereótipos um saber complexo. Com cuidado e respeito pela obra da psicanalista cuja paixão teria sido poder ouvir “um desejo que pensa”.